

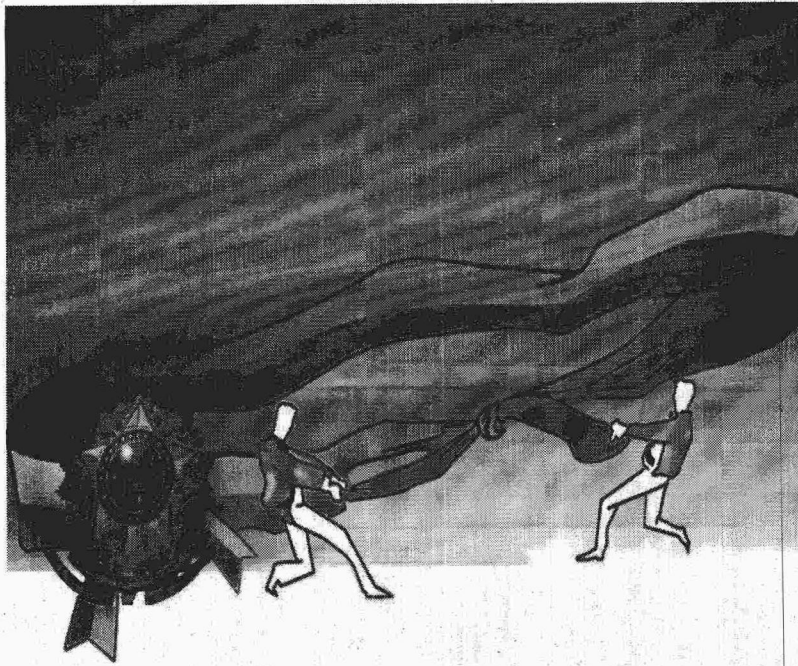
A eleição e os nós da sucessão presidencial

Luiz Gonzaga Motta*

Começou a sucessão presidencial. Mal foram desligadas as urnas eletrônicas das eleições municipais, partidos e candidatos estão anunciando suas pretensões e negociando apoios para 2002. Já na segunda-feira, um dia apenas após as eleições, políticos e partidos iniciaram uma intensa movimentação, demonstrando que a hora dos bastidores é agora, para lançar publicamente os nomes no início de 2001. No entanto, se as eleições revelaram variáveis políticas novas, mostraram que a sucessão de Fernando Henrique ainda é um nó político difícil de desatar em qualquer de suas pontas.

No lado da direita, os nomes ainda estão pouco definidos. Entre os governadores de estados, só Jaime Lerner, do Paraná, e Roseana Sarney, do Maranhão, ambos do PFL ganharam condições para pretender candidatar-se. Ambos reelegeram ou apoiaram a reeleição de seus candidatos às prefeituras e reforçaram a visibilidade eleitoral o suficiente para se lançarem nacionalmente. Mas, continuam nomes regionais. Ainda no PFL, Antônio Carlos Magalhães parece ser uma reserva política, caso outros não emplaquem. Ou caso haja necessidade de um enfrentamento mais aberto com a esquerda. Mas, ACM divide mais que soma os setores conservadores.

O PSDB, se vier com candidato próprio, tem Tasso Jereissati desgastado com as eleições municipais, e José Serra, preferido por Fernando Henrique. Lançados pelo presidente, os nomes dos ministros Paulo Renato e Pedro Malan não reverberaram junto ao eleitorado. Com Mário Covas fora do baralho, nenhum outro tucano tem ressonância junto ao eleitorado, por enquanto. No PMDB, só o senador Pedro Simon tem envigadura para uma campanha nacional mas, o seu nome não é



identificado com as posições conservadoras e ruralistas que predominam no partido hoje. Assim, a direita continua sem um candidato aglutinador.

Na esquerda, Lula, que vinha sendo preterido dentro do próprio PT, recuperou forças depois da vitória em 13 das 16 cidades onde o partido disputou o segundo turno. O respeito por Lula é tanto no PT que, se ele se declarar candidato, nenhum outro nome, como os presidencialistas Marta Suplicy, Tarso Genro, Cristovam Buarque, Eduardo Suplicy, José Genoíno ou Aloísio Mercadante terão coragem de bater chapa com ele numa convenção partidária. Aliás, parece que a mosca azul já picou o PT. Lideranças da legenda reafirmam que preferem um candidato de uma frente mas, mandaram o recado: o PT se sente com força suficiente para sair sozinho. Na linguagem petista, isto significa que se os outros partidos de oposição toparem apoiar o nome do PT, haverá negociação para outros cargos. Caso contrário, o partido sai isolado e ignora o resto da oposição. No PT, por enquanto, tudo continua girando em torno do nome de Lula.

Não é de todo improvável

que os partidos de oposição se permitam lançar dois, ou até três candidatos, buscando o voto ético e o voto de protesto. Neste caso, a estratégia é deixar o eleitorado oposicionista se dividir entre nomes que percorram um intervalo político maior, que vai do centro à extrema-esquerda, para roubar os votos de centro dos partidos conservadores. A oposição varreria uma longitude política mais ampla do que aquela situada apenas à esquerda. As candidaturas de Itamar Franco pelo PSB, outro partido que cresceu eleitoralmente mas que não tem nome presidencialista próprio, e a de Ciro Gomes, pelo PPS, que ganhou fôlego com o apoio do vitorioso César Maia, seriam mantidas no primeiro turno, como sondagem de tendências.

Se uma dessas candidaturas crescer mais que as outras e concentrar os votos, todos, inclusive o PT, a apoiariam no segundo escrutínio, ganhando então uma tintura mais avermelhada. Não é impossível que esta conversa esteja rolando nos bastidores mais íntimos da oposição, que nos últimos tempos anda muito pragmática. Até o PT está mais tolerante eleito-

ralmente. Não custa recordar que logo depois do primeiro turno das eleições municipais o próprio Lula fez questão de realçar que, onde o PT cedeu e aliou-se, ganhou as eleições. Onde radicalizou, perdeu. Verdade ou não, a declaração indica o novo pragmatismo petista. Mas, o quadro geral nas oposições ainda é um emaranhado de fios e conexões possíveis.

Se os nós partidários estão atados, não há no horizonte econômico nenhum fator novo que possa reverter o quadro social brasileiro e quebrar a onda de descontentamento até as eleições presidenciais. Nem haverá tempo para Fernando Henrique recuperar-se em pouco mais de um ano. Assim, o jogo político vai transferir-se para outros cenários. Ele vai concentrar-se nas performances dos governantes estaduais e prefeitos municipais, que poderão transformar-se em forte moeda eleitoral para 2002. Os méritos ou fracassos das administrações serão amplamente explorados. E aí reside o perigo do jogo transbordar do político para o parapolítico. Neste sentido, a análise de Luiz Fernando Veríssimo, um cronista de costumes, foi mais lúcida que a dos analistas eleitorais. Disse ele, argutamente: com o crescimento do petismo, cresce também o antipetismo e todos nós sabemos do que o antipestimo é capaz. Se para conter a ameaça de um partido popular inventaram dois Fernandos, imagine-se o monstro que começa a se arrastar na direção das administrações das esquerdas. Principalmente se levarmos em conta que na agenda norte-americana para a próxima década está o mercado comum americano, que não prevê para o Brasil um presidente de esquerda.

*Luiz G. Motta é jornalista e professor da UnB. baga@tba.com.br